

Orquestra Gulbenkian

Pedro Neves

Francisco Lima Santos



GULBENKIAN
MÚSICA

27 jun 25

27 jun 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Pedro Neves Maestro

Francisco Lima Santos Violino

Ralph Vaughan Williams

The Wasps: Overture (1909) c. 10 min.

The Lark Ascending (1914 / 1920) c. 14 min.

Fantasia on Greensleeves (1934) c. 4 min.

Egon Wellesz

Sinfonia n.º 8, op. 110 (1970) c. 24 min.

1. *Lento – Poco meno sostenuto – Lento*

2. *Allegretto*

3. *Molto tranquillo*

Concerto no âmbito da exposição

Arte Britânica – Ponto de Fuga

Galeria Principal – Fundação Calouste Gulbenkian
até 21 de julho de 2025

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h

CONCERTO SEM INTERVALO

Ralph Vaughan Williams

(Down Ampney, 1872 – Londres, 1958)

The Wasps: Overture (1909)

The Lark Ascending (1914 / 1920)

Fantasia on Greensleeves (1934)

—

No âmbito da programação paralela à exposição “Arte Britânica. Ponto de Fuga”, este concerto reúne um compositor nativo britânico, Ralph Vaughan Williams (1872-1958), e um compositor de origem austríaca, emigrado em 1938 para o Reino Unido, Egon Wellesz (1885-1974). Através da audição de obras relevantes de ambos os compositores, procura-se pôr em evidência o espírito comum, de liberdade criativa e de respeito mútuo, proporcionado pela vivência no Reino Unido. Apesar das muitas dificuldades encontradas pelos artistas migrantes e deslocados, e de modo idêntico ao que se passou nas artes visuais evocadas por algumas das obras patentes na exposição, o Reino Unido foi para muitos um porto de abrigo e um local seguro de trabalho.

Ralph Vaughan Williams foi um compositor muito admirado e influente em Inglaterra, e teve um papel fundamental no acolhimento dado aos seus colegas músicos, provenientes dos países europeus atingidos pela guerra e pelas perseguições. Formado musicalmente na Universidade de Cambridge e no Royal College of Music, em Londres, estudou em Berlim com Max Bruch, em 1897, e em Paris com Maurice Ravel, em 1908. Interessado pela cultura tradicional, a partir de 1903 reuniu, de ouvido, mais de 800 canções

folclóricas em várias regiões de Inglaterra; e viria a renovar, com base em melodias tradicionais ou antigas, o *English Hymnal*, publicado em 1906. Depois de servir em muitas frentes na Primeira Guerra Mundial, tornou-se professor de Composição no Royal College of Music. A sua atividade em prol dos músicos perseguidos pelos nazis levou a que a sua própria música fosse proibida na Alemanha, em 1939.

Enquanto compositor, tem sido conotado com o nacionalismo musical, embora tal tenha decorrido mais de uma inclinação pessoal do que de um programa teórico. O seu interesse pela recolha de melodias inglesas de tradição oral e pelas partituras da época Tudor levou-o a desenvolver, a partir de 1909, um estilo próprio, que incorpora estruturas modais inspiradas no folclore, um uso muito livre dos acordes e a flexibilidade rítmica característica do antigo madrigal.

Williams tinha uma aguda sensibilidade social e escreveu para todos os meios e para todos os públicos. *The Wasps* (1909) é uma suite extraída da música de cena para a comédia *As Vespas*, de Aristófanes, estreada em 442 a.C. Entre as suas obras orquestrais das primeiras décadas do século XX, merece atenção “O Voo da Cotovia” (*The Lark Ascending*), de 1914, uma obra curta, num só andamento, inspirada no poema homónimo de 1881 do escritor inglês George Meredith. Originalmente concebida para violino e piano, foi reelaborada por Vaughan Williams para violino e orquestra após a Primeira Guerra Mundial.

Esta versão, na qual a obra é principalmente conhecida, foi apresentada pela primeira vez em 1921. O subtítulo “romance” foi um termo preferido pelo compositor para designar uma música lenta e contemplativa, um *romance* para violino e orquestra. Finalmente, a *Fantasia on Greensleeves* é uma miniatura orquestral de quatro minutos que, para muitos, eclipsou a melodia tradicional na qual se inspirou, e que circulava no tempo dos Tudors, magistralmente utilizada por Vaughan Williams.¹

Egon Wellesz

(Viena, 1885 – Oxford, 1974)

Sinfonia n.º 8, op. 110 (1970)

—

No início de 1938, Bruno Walter dirigiu em Viena uma obra orquestral de Egon Wellesz, que seguidamente apresentou em Amsterdão na presença do compositor. E foi nessa cidade que Wellesz foi surpreendido pela notícia do *Anschluss*, a anexação nazi da Áustria, em março de 1938, e aconselhado a não regressar. A sua brilhante carreira musical, sobretudo como compositor de óperas e músicas para bailados apresentados nos palcos austríacos e alemães, era conhecida em Inglaterra bem como a sua relevante investigação como musicólogo, especializado em música sacra bizantina. Wellesz tinha também contribuído para a divulgação da música inglesa no continente, programando, nomeadamente, a execução de partituras de Vaughan Williams. Em 1932, a Universidade de Oxford atribuiu-lhe um

doutoramento *honoris causa* (desde Haydn que nenhum músico austríaco obtivera tal distinção) e foi nomeado membro honorário da “Musical Association”, em Londres. Conhecida a sua decisão de não regressar à Áustria, teve um convite imediato para trabalhar em Londres e no ano seguinte, em 1939, foi convidado a lecionar na Universidade de Oxford, cargo que manteve até à sua morte.

Filho de judeus húngaros convertidos ao catolicismo, Wellesz nasceu em Viena onde recebeu uma educação protestante, vindo também ele a tornar-se católico. A sua mulher, a historiadora de arte Emmy Stross, era igualmente de origem judaica. Em Inglaterra, como tantos outros refugiados e exilados, Wellesz foi considerado “inimigo estrangeiro” e internado no campo Hutchinson, na Ilha de Man, em julho de 1940, conhecido como o “campo dos artistas” devido ao grande número de artistas aí reunido. Graças à intervenção de Vaughan Williams e de H. C. Colles, crítico musical do jornal *The Times*, conseguiu sair no final desse ano mas, psicologicamente afetado, só voltaria a compor em 1943-1944, o Quarteto para Cordas n.º 5, a sua primeira obra importante realizada em Inglaterra.

Apesar do seu interesse por música desde muito jovem, Wellesz iniciou os estudos em Direito na Universidade de Viena, em 1904, que rapidamente trocou por Filosofia, acabando por absorver tudo o que a universidade oferecia no domínio das artes e das humanidades, com foco na musicologia, que estudou com Guido Adler.

Fora do âmbito universitário, estudou com Arnold Schönberg, sobre quem escreveu um livro em 1921. Em 1908, doutorou-se com uma tese sobre a produção dramática de Giuseppe Bonno (1711-1788), compositor austríaco de escola napolitana. Foi professor de História da Música no Novo Conservatório de Viena, de 1911 a 1915, e na Universidade de Viena, como convidado a partir de 1913 e contratado no período de 1929 a 1938, conjugando a atividade de compositor com a de musicólogo. Após a Primeira Guerra

Mundial, Wellesz fora cofundador da Sociedade Internacional de Música Contemporânea.

Em Inglaterra, onde as suas obras anteriores a 1938 eram raramente executadas, soando demasiado modernas aos ouvidos do público, Wellesz acabou por se tornar, após a Segunda Guerra Mundial, um continuador de Vaughan Williams e de Arnold Bax (1883-1953) como um dos principais cultores do género sinfónico. A partir de 1945, compôs nove sinfonias, entre as quais a oitava que vamos ouvir.²

^{1,2} Informação baseada em extratos do texto de Manuel Pedro Ferreira, “Compositores refugiados e a sinfonia em Inglaterra após 1945” in *Arte Britânica. Ponto de Fuga*, Lisboa, Edições Tinta-da-china / CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian, 2025

Pedro Neves

Pedro Neves é o atual Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa.

É também Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho e professor na Academia Nacional Superior de Orquestra. Colabora regularmente com a Orquestra Gulbenkian, da qual foi Maestro Convidado (2013-2018).

Pedro Neves nasceu em Águeda e iniciou o seu percurso musical no Conservatório de Aveiro, onde estudou violoncelo com Isabel Boiça. Foi também aluno de Paulo Gaio Lima na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, estudou com Marçal Cervera na Escola de Música Juan Pedro Carrero, em Barcelona. Foi premiado no concurso da Juventude Musical Portuguesa e no Prémio Jovens Músicos. Estudou direção de orquestra, com Jean-Marc Burfin, na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde se licenciou, e com Emílio Pomàrico, em Milão.

Em 2006 e 2008, foi maestro assistente de Michael Zilm. Foi Maestro Titular da Orquestra do Algarve (2011-2013) e é um convidado regular das principais orquestras portuguesas, tendo dirigido também a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza.

No domínio da música contemporânea, colaborou com o SOND'arte Electric Ensemble, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, o Remix Ensemble - Casa da Música e o Síntese Grupo de Música Contemporânea, tendo dirigido estreias de obras de compositores portugueses e estrangeiros e realizado digressões na Coreia do Sul e no Japão. É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação do repertório para orquestra de cordas.

Francisco Lima Santos

Natural de Lisboa, iniciou os seus estudos musicais aos nove anos de idade na Fundação Musical dos Amigos das Crianças. Concluiu a licenciatura em violino na Escola Superior de Música de Lisboa, onde estudou com Khachatour Amirkhanyan. Prosseguiu os estudos no Koninklijk Conservatorium, em Bruxelas, na classe de Yuzuko Horigome. Terminou os estudos em 2016 na Escuela Superior de Música Reina Sofia, em Madrid, com Ana Chumachenko e Zograb Tatevosyan. Durante os seus estudos frequentou *masterclasses* de Mauricio Fuks, Liviu Prunaru, Antje Weithaas, Veronika Hagen, Heime Muller, Pavel Gomziakov, Francesca Vicari e Krzysztof Wegrzyn. Foi membro e bolseiro da Orquestra Sinfónica Juvenil, tendo sido concertino da mesma. Integrou, desde o início, o projeto Orquestra XXI. Foi membro da Orquestra de Jovens da União Europeia, tendo tocado em importantes salas da Europa. Durante os seus estudos, foi premiado na categoria de violino em vários concursos, tais como, Concurso Internacional do Fundão, Prémio José Augusto Alegria e Prémio Jovens Músicos. Em 2016 venceu o Prémio Vasco Barbosa e, nesse mesmo ano, apresentou-se a solo com a Orquestra Sinfónica Portuguesa no Teatro Nacional de São Carlos. Integra o Artium Trio, agrupamento vencedor do Prémio Jovens Músicos em 2016. Colaborou com várias orquestras europeias, incluindo a Sinfónica de Euskadi, a Nacional da Bélgica e a Filarmónica de Munique. No Festival Cantabile, apresentou-se em concertos de música de câmara ao lado de solistas como Diemut Poppen, Ivan Monigetti, Christel Lee e Barnabas Kelemen. É 1.º Concertino Auxiliar da Orquestra Gulbenkian desde 2017.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
César Nogueira*
Mariana Moita*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Miguel Simões
Bernardo Barreira*
Rosa de Sá*
Luciana Cruz*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Mícaela Miranda
Bárbara Ferreira*
Íris Almeida*
Margarida Abrantes*
Mariana Moreira*

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA
Emeraude Bellier 1º SOLISTA
Martin Henneken 1º SOLISTA
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Leonor Moniz*
Emídio Coutinho*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rêgo 1º SOLISTA
Marine Triolet 2º SOLISTA
Luís Ferreira*
Vitor Silva*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Rui Matos 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS
Maria do Carmo Azeredo 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José María Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA
Filipe Moutinho 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Davide Lopes 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO
Paulo Alves 2º SOLISTA*

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA
Xavier Novo 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Cristiano Rios 2º SOLISTA*
Tomás Rosa 2º SOLISTA*
Ryoko Imai 2º SOLISTA*
Pedro Silva 2º SOLISTA*

HARPA

Ana Castanhito 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

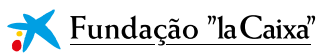
COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

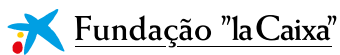
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

